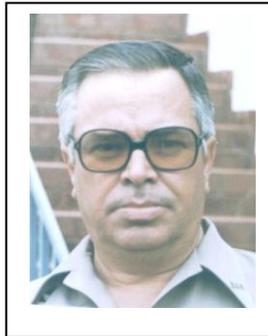


FHE **POUPEX**

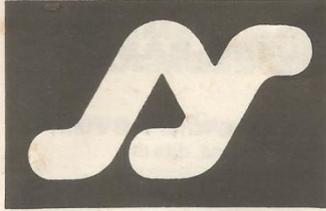
O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO (Jornal Agulhas Negras da SAM 1998)



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acasemias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina,Ceará. Rio Grande do Norte etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honrae cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982;E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Reportagem do autor no jornal Agulhas Negras da SAM . digitalizado para ser colocada na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial oo2 de 17 non 2014 a AMAN e integrado ao Programa Pergamum de Bbliotecas do Exército



Órgão Oficial da Sociedade Acadêmica Militar
AMAN NÚMERO 2 Agosto de 1978

Jornal AGULHAS NEGRAS



... Que as realizações de um Brasil Presente,
As esperanças de um Brasil Futuro, As lembranças de um
Brasil Passado, de glórias e tradições, inspirem-nos de modo
que, as lutas de nossos antepassados sirvam para manter a
Paz de nossos descendentes.

ESPADIM - 1978



EDITORIAL

Chegamos agora ao nosso número dois deste nosso décimo ano de vida.

Como não poderia deixar de ser, dedicamos este número de Agosto às comemorações da entrega dos Espadins. Para tanto, nada mais natural que deixarmos nas mãos do 1º ano a sua confecção. E que, nos parece, veio a contento, podendo então agora afirmarmos que está começando a valer a pena. Alguém se mexeu, surgem os valores dispostos a se revelarem do seio do cc.

Agradecemos sobremaneira as valiosas colaborações do sr. TC Eng. Bento e do sr. Asp Of Com Rossi Vieira que inclusive servem de mola propulsora, de estímulo a que os companheiros mais novos se habilitem a escrever.

Assim, segue para vossas mãos o trabalho entregue às mãos da "Bicharada".

Parabéns aos companheiros mais novos por mais um degrau alçado na carreira. Felicidades

DIR IMP

EXPEDIENTE

DIRETOR DE IMPRENSA
CAD COM ROSSI VIEIRA

DIRETOR ARTÍSTICO
CAD COM FRANCISCO

REDATOR-CHEFE
CAD C BÁS ILTON

DESENHISTAS
ASP OF COM ROSSI VIEIRA
CAD COM FRANCISCO

REDAÇÃO
TEN CEL C. M. BENTO

ASP OF COM ROSSI VIEIRA
CAD C BÁS ANTÔNIO
CAD C BÁS GONÇALVES
CAD C BÁS ILTON
CAD C BÁS IZAIAS
CAD C BÁS PALMEIRA
CAD C BÁS VILEMAR

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM E
IMPRESSÃO
EDITORA SANTA EDWIGES LTDA.
AV. TERESA CRISTINA, 1.665
FONE: 337-1511 (PBX) - BH



Confecções Finas
Material Esportivo

o melhor
preço nas miudezas para o
Aspirantado

O Máximo em Jeans

Matriz: Rua Dr. Luis Barreto, 73

Tupick

MAGAZINE

Filial: Av. Albino de Almeida, 154

O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO

(Histórico — Tradições — Simbolismo)

Ten Cel

Cláudio Moreira Bento

(Instrutor de História Militar - AMAN)

Nos últimos 46 anos, desde 15 Dez 1932, inicialmente na antiga Escola Militar do Realengo e, a partir de 1944, na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, tem-se repetido anualmente a mais significativa cerimônia militar da vida dos cadetes — os futuros chefes do Exército. É a entrega dos espadins aos cadetes do 1º ano por seus padrinhos ou madrinhas, em ato solene concorridíssimo, tradicionalmente presidido pelo Presidente ou Vice-Presidente da República. Recebem então os cadetes uma cópia fiel, em miniatura, da espada de campanha usada pelo Duque de Caxias — o Patrono do Exército, na pacificação de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52) e Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). A cerimônia atinge seu ponto culminante quando os cadetes recipiendários conscientes do grande simbolismo do ato, proferem em uníssono e com intensa vibração militar estas palavras tradicionais do cerimonial, já repetidas por todos os oficiais atualmente no serviço ativo do Exército: *"Recebo o Sabre de Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar."*

O IDEALIZADOR DO ESPADIM DE CAXIAS

Em 19 Nov 1931 assumiu o comando da Escola Militar do Realengo o coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Oficial de escól, de sua alentada e brilhante folha de serviços prestados ao Exército e ao Brasil destacamos: Instrutor militar, em 1916, da Escola de Direito do Largo São Francisco em São Paulo, cujo primeiro diretor e um dos seus fundadores foi o tenente-general José Arouche de Toledo Rendon; Na França (1817-18), estagiário da Escola Militar de Saint-Cyr e combatente voluntário no 4º Regimento de Dragões da Cavalaria francesa, no qual foi promovido a capitão por ato de bravura em ações de combate na França e Bélgica; introdutor dos blindados no Brasil, ao organizar e ser o primeiro a comandar a Companhia de Carros de Assalto — a primeira unidade blindada do Exército Brasileiro; idealizou e ajudou a construir a Academia Militar das Agulhas Negras, o maior sonho e realização de sua proveitosa existência a serviço da maior grandeza do Exército e do Brasil. Academia que anualmente, em cerimônia especial, evoca sua memória e grande obra defronte seu busto colocado em destaque próximo da entrada nobre do Conjunto Principal.

O coronel José Pessoa assumiu o comando da Escola após a vitoriosa revolução de 30. Nela teve atuação destacada à frente do 3º RI da Praia Vermelha, em apoio à Junta Militar. No comando da Escola promoveu as mais profundas reformas de sua longa história (1910-1978). Imprimiu a seguinte filosofia na seleção

dos novos cadetes: — *"A Escola não se destina a corrigir defeitos e vícios e, sim, a aprimorar qualidades e virtudes modeladas nos lares de onde provêm os futuros cadetes"*. Por decreto de sua inspiração os alunos da Escola passaram a ocupar o posto privativo de cadete, no sentido de companheiro mais novo dos oficiais, e não mais, no sentido anterior de 1 757 até a República, quando o posto foi extinto por possuir foros de nobreza. Em resumo, conciliou na República a tradição brasileira de 132 anos, ligada ao posto de Cadete, no que este encerrava de padrão moral e distinção nas sociedades colonial e após imperial brasileiras. A seguir, criou o Corpo de Cadetes como tropa de elite e o Estandarte Escolar, em campo azul turquesa, cor tradicional da Academia, entregue à Escola Militar do Realengo em cerimônia especial, pelo Presidente da República, Dr. Getúlio Dorneles Vargas, imortalizada em óleo existente na Biblioteca da Academia. Posteriormente, criou o uniforme de gala, desde então usado pelos cadetes, com o simbolismo de elo entre o Exército do passado e o do presente .Ou do Exército do Império , com o Exército da República..

A ORIGEM DO ESPADIM DE CAXIAS

Criados os uniformes históricos, julgou o coronel José Pessoa que eles deveriam ser complementados por uma arma privativa do posto de cadete.

Arma que caracterizasse a alta responsabilidade do jovem cadete como chefe do Exército Brasileiro do futuro. Idealizou então, com a concordância de seus superiores e aplausos de sua equipe que esta arma seria uma miniatura fiel da espada usada pelo Duque de Caxias em campanha, *"a espada que foi o pilar do Império, a espada de Caxias, que é a espada do Brasil"*. Desde então ficou decidido que o cadete seria o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de cingir a cinta a espada de Caxias, *"como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro"*.

Tudo decidido o coronel José Pessoa encontrou um grande obstáculo em localizar a espada de campanha de Caxias, e conforme suas próprias palavras: "Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz ideia. Ignorávamos até então o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleiuss, fomos encontrá-la entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E, ainda, com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita Instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar. Assim para ali foi mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanato em aço e bronze."

A ESPADA DE CAMPANHA DE CAXIAS

Em junho deste ano fomos chamados ao gabinete de nosso Comandante na AMAN, General de Brigada Hyran Ribeiro Arnt, e honrados com a solicitação de esclarecer a atual situação da espada de Caxias, que servira de modelo para o Espadim de Caxias dos cadetes, instituído há 46 anos passados. Tinha certeza aquela autoridade de que a espada de Caxias existente em seu gabinete não era a que servira de modelo aos espadins. Mas, sim, uma espada que fora ofertada em vida ao Patrono do Exército pelo Povo brasileiro, em reconhecimento à serviços prestados e que se encontra junto com seu lenço de pescoço usado em campanha. Espada que vem sendo parte do cerimonial de entrega dos espadins aos cadetes e confundida, às vezes, com a de campanha, da qual eles foram copiados.

Após pesquisa em diversos instrumentos de trabalho, localizamos artigo do então General José Pessoa sob o título — *"Histórico do Espadim de Caxias"*, publicado em 1939 na Revista da Escola Militar. Ficamos sabendo que há 46 anos a espada de campanha do Patrono do Exército encontrava-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Para a sede dessa benemerita instituição — a Casa da Memória Nacional — sita à Rua Augusto Severo, 8-A, 10º andar, na Lapa, Rio de Janeiro, nos deslocamos em 30 jun para, em nome de nosso Comandante, colher informações atualizadas sobre a relíquia sob sua guarda e, mais, sabermos da possibilidade da mesma deslocar-se até Resende, em caráter excepcional, em circunstâncias e cerimônias militares de grande projeção e sentido cívico nacional, à altura do simbolismo representado por nossa maior relíquia militar.

O professor Pedro Calmon, gentilmente e pessoalmente acompanhou-nos até junto ao que ele também considera a maior relíquia militar brasileira, sob a guarda da quase sesquicentenária entidade que preside, a espada de campanha usada pelo Patrono do Exército para pacificar São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). A relíquia encontra-se em posição de destaque na sala do Museu que a abriga. E, junto a ela, um exemplar do Espadim de Caxias que vem sendo usado pelos cadetes do Exército há 46 anos e cópia fiel da espada gloriosa de Caxias, a espada do Brasil. Ao aproximar-se da espada relíquia o professor Pedro Calmon a reverenciou à moda civil. Solicitou-nos que acompanhássemos sua reverência à maneira militar, como soldado de Caxias. Foi um momento de grande emoção e vibração militar, o contemplar e reverenciar, pela vez primeira, a espada desembainhada por Caxias para a conquista da ponte de Itororó, a um tempo só, o mais crítico e mais glorioso da vida do maior soldado brasileiro e sobre o qual já havíamos escrito:

"Batalha de Itororó; Impasse- grande resistência adversária; Impossibilidade total de des-bordamento-arroio obstáculo; Tomados e retomadas da ponte — 400 baixas; Sacrifício supremo dos comandantes — Gurjão, Souza Guedes, Machado de Souza, Lopes de Barros e Fernando Machado; Comandantes feridos — Argolo, Deodoro da Fonseca, Barreto Leite, Hermes Ernesto da Fonseca, Ribeiro Lima e Enéas Galvão; Demora da tentativa envolvente de Osório — periga a vitória; Ação de líder de combate de Caxias; Tudo ou nada — carta decisiva — risco calculado; Ofensiva em prejuízo da Segurança. E de suas palavras e atitudes imortais: Sigam-me os que forem brasileiros!; A cavalo, desembainhou sua gloriosa espada; E projetou-se com ímpeto e a galope sobre a disputada ponte; E todo o Exército acompanhou seu líder; Ponte conquistada à viva força; Sua ação pessoal salvou a causa da Aliança; E brindou as armas brasileiras com uma eterna glória!"

Na ocasião foi recordado que o Patrono do Exército após sua ação pacificadora, fora eleito Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 23 Mar 1847, com 44 anos e no posto de Marechal-de-Campo. E, mais, que fora colaborador da instituição, ao responder questionário sobre a Batalha do Passo do Rosário (20 Fev 1827), a primeira interpretação militar brasileira à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, publicado em 1857 na revista do Instituto, no transcurso do 30º aniversário da maior batalha travada em território brasileiro. Trabalho que revela o estudioso de História Militar que foi o Patrono do Exército, desde que freqüentou em 1817, como alferes, a cadeira de História Militar da Academia Militar Real criada pelo príncipe Regente D. João e mais tarde, ao estudar as campanhas de Napoleão, segundo concluiu o Marechal Castello Branco, e a guerra de Secessão (1861-65) nos EUA, na obra *Maritime des Etats Unis de Roussiollon-Puissance*, segundo pesquisa do Marechal Tristão Alencar de Araripe.

LOCAL CONDIGNO PARA A RELÍQUIA

Segundo o professor Pedro Calmon, com a decisiva colaboração do Presidente Emílio Garrastazú Medici, ex-comandante da AMAN em grave e decisivo momento da vida nacional em março de 1964, ajudou a construir sede condigna do Instituto, E, assim, expor, em sala condigna, para a visitação de seus compatriotas, a espada de Caxias, fato at e então impossível pela pobreza, falta de segurança e precariedade das antigas instala es. A espada acha-se bem conservada e próxima de outra relíquia, o binóculo usado por Caixas em campanha. Binóculo que o ajudou a planejar e conduzir suas vitoriosas manobras envolventes de Humaitá e Piquiciri, passaportes seguros para seu ingresso na galeria dos maiores capitães da História da Humanidade.

Por nosso intermédio o professor Pedro Calmon, velho e fiel amigo da AMAN, onde no passado ministrou aulas inaugurais, franqueou o museu   visita o dos cadetes que cingem em suas cinturas a miniatura da espada de campanha de Caxias — a espada do Brasil.

O escrínio que abriga a espada de Caxias, segundo o General Jonas Correia, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Militar Brasileiro, foi oferta da Escola Militar do Realengo, em 1939, por inspira o de seu comandante — Coronel  lvoro Fiúza de Castro.

CAXIAS DOA SUA ESPADA A SEU CHEFE DO ESTADO-MAIOR

O professor Pedro Calmon confirmou que a espada de Caxias que integra o acervo da institui o que preside   a que o Patrono do Exército usou em campanha como oficial general. A que usou até coronel, inclusive na pacifica o do Maranhão, integra o acervo do Museu do Exército, ora funcionando no prédio de onde o Marechal Deodoro da Fonseca saiu na manhã de 15 Nov 1889 para o Campo de Santana (atual Praça da República) para a Proclama o da República. A espada de Caxias existente no gabinete do Comandante da AMAN; ricamente trabalhada em ouro, foi ofertada ao Duque em reconhecimento aos relevantes serviços prestados, como soldado,   preserva o da Unidade, Soberania e Integridade brasileiras.

Caxias doou sua espada de campanha, em testamento, ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa. Este fora, como 1  tenente, ajudante de ordens de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas e, como coronel, Chefe de Estado-Maior de campanha de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, no período 1866-68, fun o criada pelo então Conde de Caxias em 1851 e que teve como primeiro titular o Coronel Miguel Frias | de Vasconcellos, o qual como major, havia chefiado, em 3 de abril de 1832, uma insurrei o que culminou com seu gesto de proclama o da República Federativa do Brasil, no mesmo local onde ela seria proclamada efetivamente, quase 57 anos depois, pelo Marechal Deodoro. Coube a Caxias, então major, dispersar e neutralizar a insurrei o do Major Frias, posteriormente seu amigo e dedicado colaborador e homem de confiança na Revolu o Farroupilha e na Guerra contra Oribe e Rosas. Sobre o valor militar de seu prestimoso auxiliar, Coronel Fonseca Costa, ao qual doaria a sua espada de campanha, assim Caxias o elogiou em Ordem do Dia de 14 Jun 1869, antes de retornar ao Brasil.

"Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada coopera o em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condu o regular de todos os negócios de meu serviço público a, seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido, sempre a meu lado, recebendo e transmitindo as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnega o aos riscos e perigos decorrentes."

A espada de campanha de Caxias foi localizada pelo Dr. Eugênio Wilhena de Moraes, o major biógrafo do Patrono do Exército (O primeiro estudo biográfico de Caxias de autoria do padre Pinto de Campos lançado em Portugal, comemora 1 este ano seu centenário).

A espada de Caxias encontrava-se em poder de descendente direto do antigo chefe de Estado-Maior de Caxias e também Visconde da Penha — o oficial de nossa Marinha de Guerra — Capitão de Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa. O referido oficial, em gesto nobre e patriótico, decidiu doar, em 1925, a valiosa relíquia, através do Dr. Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se encontra há 53 anos. Dali a espada saiu uma só vez, em meio a cerimônia condigna, com permissão do Dr. Max Fleiuss, fruto de gestões do então Major Jonas Correia, para ser colocada defronte à formatura do Corpo de Cadetes em Realengo, ao lado da espada do General San Martin, trazida em 1939 da Argentina pela Escola Militar daquela nação irmã, por ocasião de visita a nossa Escola Militar. E, do local onde se ela se encontra, segundo o Professor Pedro Calmon, somente sairá em condições excepcionais de alto sentido cívico e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ela traduz,

A PRIMEIRA CERIMÔNIA DE ENTREGA DE ESPADINS 1932

Copiada a espada de Caxias, o Projeto Espadim foi submetido a aprovação do Ministro da Guerra, Gen Bda José Fernandes Leite de Castro (1930-32), oficial que, de igual forma que o Coronel José Pessoa, era veterano da 1ª Guerra Mundial. Havia combatido, como tenente-coronel, no 20º Regimento de Artilharia Pesada do 20º Corpo do Exército Francês, de 2 set 1818 até o Armistício. Os ensinamentos que colheu os transferiu ao Exército Brasileiro em artigo — "Ensinamentos técnicos e táticos de Artilharia da Grande Guerra, publicado no Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército (1911-23) - Mai/Jun 1919.

Desejaram o General Leite de Castro e o Coronel José Pessoa que "Caxias o Duque da Vitória pairasse no seio dos cadetes do Brasil de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint-Cyr na França."

O Ministro Leite de Castro aprovou e concedeu crédito correspondente para a concretização dos espadins. Foram remetidos os desenhos e recursos para o Coronel José Duarte Pinto — Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa. O Coronel Pinto "*com desvelo e entusiasmo cumpriu a missão*", encomendando a confecção dos mesmos na firma alemã S-lingen. Em outubro de 1928 os Espadins chegaram ao Brasil. Em 6 Dez, pelo BI nº 288, foram incluídos na carga da Escola Militar do Realengo. A seguir foram organizadas as "Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias", ao que se sabe, publicadas somente em 1938, no BI nº 148.

Em 15 e 16 Dez 1932 teve lugar a primeira cerimônia de Entrega dos Espadins aos cadetes. Cerimônia desdobrada em duas fases. Dia 15 Dez no âmbito da Escola, com solenidade de entrega dos espadins a todos os cadetes que pela primeira vez proferiram estas palavras Recebo o Espadim de Caxias como símbolo da Honra Militar. A seguir o discurso do Cel José Pessoa;

"Vos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim — arma distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgencia inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Patria e mais a estremeceu.

Vosso patrono e vosso guia, aqui não podéis faltar hoje, a render-lhe as vossas homenagens, quando cingis, pela primeira vez, aos vossos uniformes, o sabre

glorioso que, em sua destra mão, mostrou sempre aos nossos soldados intemeratos, o caminho da vitória!

Ante o bronze majestoso que a gratidão do povo erigiu em testemunho de reconhecimento a serviços que crescem de valor com o correr dos anos; vindes, cumprindo dever que ufana e dignifica, pagar o tributo de vossa admiração ao legendário soldado que, de cadete como vós, culminou a hierarquia militar e nas dignidades honoríficas, integrado na sua profissão, por ela sempre enfeitado e, passo a passo, ascendeu na sua carreira, pelo seu valor, pela sua coragem e pelo seu acendrado patriotismo!

A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acu-tilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgada ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele sabre glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade, de leve sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremecida, a que ele serviu com inex-cedível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!

Na homenagem que aqui prestais, — vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcessíveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de fulgências gloriosas uma época da vida nacional!

Saudais, também, esse passado venerando de glórias e de virtudes, que é o orgulho do nosso povo, escrínio precioso de lições de nobre civismo e onde o nome imortal do legendário Duque de Caxias espande, aureolado, em meio de uma corte de gigantes, batalhadores devotados de um Brasil forte e generoso, que se alça na plana maior das primeiras nações do mundo, admirado pelo seu progresso e pela sua cultura.

E, particularmente, para vós cadetes, que sois as ridentes esperanças do Exército do Brasil — as armas que abateis, apontadas para o solo sagrado da Pátria, rendendo preito sincero de admiração ao grande soldado que foi o símbolo augusto das nossas virtudes militares, juram pela vossa eterna fidelidade aos ditames da honra e do dever, pela rigorosa observância aos exemplos que nos legou o primeiro dos generais de nossa Pátria, cuja vida será o vosso modelo e cujo nome venerando será o clarim vibrante a acender os vossos entusiasmos nas lutas sem tréguas pelo bem e pela grandeza do Brasil!"

**Ass: Cel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque
Comandante da Escola Militar do Realengo**

FONTES CONSULTADAS

1. AMAN. São Paulo, Graf. ASBAHR, 1961 (Colaboração da FIESP ao Sesqui-centenário da criação da Escola Militar Real em 1810).
2. _____. Revista sua boa estrela. São Paulo, Mercedes Benz, nº 27, 1970. (Número especial dedicado a AMAN).
3. ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti, Gen. Histórico do Espadim de Caxias. Revista da Escola Militar, Rio — Realengo, 1939 (as transcrições no texto do artigo foram extraídas deste trabalho).

4. ARARIPE, Tristão Alencar de, Cel. O Estado-Maior de Caxias. Nação Armada, 17, Abr 1941, p. 26.
5. BENTO, Cláudio Moreira, Ten Cel. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro. Brasília, EME, 1978.
6. CALMON, Pedro. Espadas do Brasil. Nação Armada, 24 pp. 21-26.
7. CORREIA NETO, Jonas, cad. glória te seja Espadim de Caxias. Revista da Escola Militar de Resende, 1944, 52.
8. PEDREIRA, José. R. Resende em Revista. Volta Redonda, 1975.
9. PESSOA, Antônio João, cad. Marechal José Pessoa o idealizador da AMAN Jornal Agulhas Negras, Resende. Ed. Acadêmica, 1977. (O autor é bisneto do Mal José Pessoa).
10. REZENDE, Moacir Lopes de, Gen. História da AMAN. Resende, Ed. Acadêmica. 1976. (O autor foi professor de História Militar na AMAN).
11. RUAS SANTOS, Francisco, Maj. Índice Analítico, in: FRAGOSO, História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio, Bibliex, 1958. v. IV (Ref. a João de Sousa da Fonseca Costa, Chefe do EM de Caxias). Boletins Internos da AMAN

BI Nº 288 de 6 Dez 1932 -Inclui os primeiros espadins em carga.

BI nº 297 de 16 Dez 1932 -ordem do Dia alusiva a primeira entrega e juramento dos espadins pelos cadetes.

BI Nº 141 - 1938- Regula o uso dos espadins.

BI Nº 157 - Regula o fornecimento de espadins a cadetes falecidos.

Decreto de criação do Espadim

Dec. 20.438 de 24 Set 1931 publicado no DO 273 de 8 Out 31 e BI 70 de 10 Out 31

Nota do autor em 2017: Em 1978 e 1980 na qualidade de instrutor de História Militar na AMAN e historiador membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) fomos encarregados se comandar uma Guarda de Honra e de Segurança integrada por cadetes, para transportar com pompa e circunstância a invicta espada do Duque de Caxias do IHGB a AMAN para participar de cerimônias na AMAN, sendo que em 1980 para a comemoração centenário da morte do Duque de Caxias pelo Exército e realizada na AMAN.

E como Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, com auxílio do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro adaptamos velho cofre descarregado que existia no Arquivo para o IHGB em seu Museu guardar com segurança aquela preciosa relíquia que era guardada no cofre do IHGB misturado com diversos outros itens, o que feria nossos sentimentos de soldado. E lá espero a relíquia esteja bem guardada e em segurança num cofre com segredo.

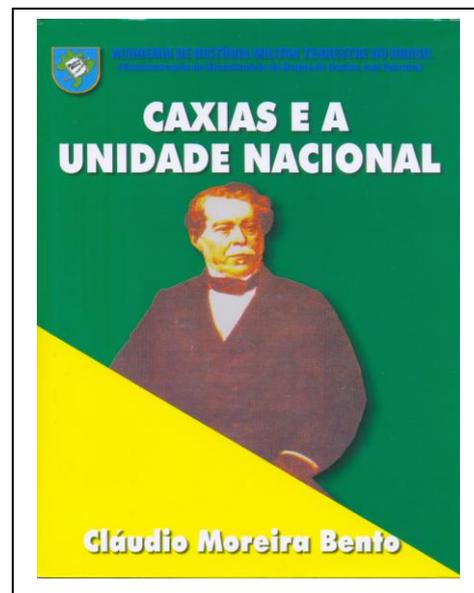
Ao fundarmos em 1996 a Academia de História Militar Terrestre do Brasil no brasão da AHIMTB nele colocamos a invicta espada de Caxias. E desde então foi consagrado patrono de toda a estrutura da AHIMTB por seu pioneirismo em realizar uma análise militar crítica da Batalha do Passo do Rosário para o IHGB do

qual era sócio honorário e por seu pionerismo numa Doutrina Militar Terrestre Brasileira , ao adaptar às realidades operacionais brasileiras que ele vivenciara em 4 campanhas pacificadoras e uma guerra esterna, a Doutrina de Portugal. Até que nosso Exército dispusesse de uma doutrina autêntica.

Em 2003, no Bicenário do Duque de Caxias publicamos nossa biografia sobre Caxias Militar Caxias e a Unidade Nacional ,patrocinada por oficiais que contribuíram para a publicação e editada pelo hoje Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Eng Agrônomo Flavio Camargo, por esta razão e outras contribuições relevantes elevado Acadêmico Benemérito.

Em 2010 no Anuário, da AMAN , publicamos a biografia até então desconhecida Chefe de Estado –Maior de Caxias na Guerra do Paraguai, ao qual, em testamento deixou-lhe suas armas e inclusive sua espada invicta e cavalos. Espada que ele levou com ele para a França e que de retornou ao Brasil depois da 1ª Guerra Mundial e que foi doada em 1925 ao IHGB ,por descendente do herdeiro da relíquia por mediação .

Faço este retrospecto em razão da memória histórica ir aos pouco se apagando na memória do Exército.Haja visto o que fez o Marechal José Pessoa em 1939 . ao escrever sobre a História do Espadim 8 anos depois de sua criação sob o argumento do esquecimento de suas origens e escreveu :”Acha visto o que aconteceu com a Academia Real Militar que apenas se sabia que ela existiu.”



A esquerda foto do autor em 1980 tendo em mãos no IHGB a invicta espada de Caxias, para transportá-la pela 2ª vez a AMAN, no Bicenário do Duque de Caxias em 1980 e a direita a capa de livro do autor em 2003 Bicenário do Duque de Caxias